

MULTILETRAMENTOS E O ENSINO DE ESCRITA - RELATO DE EXPERIÊNCIA DE LÍNGUA PORTUGUESA DA FFP

Simone Maria Bacellar Moreira¹
Roberta Alves²
Beatriz dos Santos Alves³
Gabriela Ramalho Pereira de Souza³
Gabrielle Ramos Fernandes³
Isabel Lima Ribeiro³
João Gabriel Souza da Silva³
Julliana Azevedo da Cunha³
Letícia Monteiro Rodrigues³
Mayara de Brito Silva³
Mylena de Souza Pires³
Paulo Roberto Oliveira Lima Ramos³

RESUMO

Esse artigo descreve o Projeto desenvolvido pela equipe de Língua Portuguesa do PIBID, da área de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ de São Gonçalo no Colégio Estadual Melchíades Picanço. As tarefas propostas objetivam promover a criticidade dos alunos do Ensino Médio, articulando as práticas de leitura e de produção textual e ampliando suas competências comunicativas. A metodologia pedagógica foi baseada no modelo de sequência didática dos pesquisadores Dolz, Schneuwly e Noverraz. Fundamentamos também a elaboração das atividades nos teóricos Mikhail Bakhtin, pioneiro na discussão e uso do conceito gênero textual de forma mais ampla, nas reflexões sobre multiletramentos de Roxane Rojo e Moura, autoras cuja reflexão se baseia na crítica da leitura e da escrita como práticas sociais que quando realizadas numa esfera diferente, alteram nossas relações e implicam relações discursivas também diferentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Gêneros Textuais, Leitura, Produção Escrita, Multiletramentos

¹ Professora Adjunta do Setor de Prática de Ensino da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, Coordenadora de área de Língua Portuguesa da FFP/UERJ.

² Professora do Ensino Básico do Colégio Estadual Melchíades Picanço, Supervisora de Língua Portuguesa da FFP/UERJ.

³ Alunos Bolsistas de Língua Portuguesa da FFP/UERJ

INTRODUÇÃO

Vivemos nos últimos dois anos em estado pandêmico, transformando a visão que tínhamos do mundo e da sociedade, agravando ainda mais as crises econômicas e sociais de nosso país. A crise sanitária provocada pelo Covid-19 deixou marcas tão profundas na educação da nossa sociedade que, ainda hoje, é bem difícil mensurá-las. É claro que esse cenário ainda é pior para os alunos de baixa renda, que frequentam as escolas públicas, que não tiveram, por falta de recursos econômicos e tecnológicos, nem mesmo acesso às plataformas disponibilizadas nas redes públicas para postagem de atividades pedagógicas durante o período do isolamento imposto pelo Governo Federal. O Governo Federal, sob orientações da Organização Mundial da Saúde, decretou o fechamento de escolas por meio da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, com a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais.

Se mesmo antes da pandemia, a qualidade de educação brasileira ainda estava longe de ser considerada aceitável para qualquer país que vislumbre uma vida justa e igualitária para seus cidadãos, o isolamento agravou ainda mais essa crise. Indicadores como PISA e SAEB já constataram um fracasso escolar no ensino básico, na leitura e escrita de nossos alunos. A leitura é fator essencial de inserção social e cidadania. A escrita assumiu no decorrer da história da humanidade o papel de instrumento de propagação das informações e conhecimento e, por meio dela, as diversas relações na humanidade puderam ser realizadas, registradas e difundidas ao longo das épocas. Desta forma, analisar a importância da leitura e da escrita para a promoção da cidadania deveria se tornar um tema central para educadores, no sentido de garantir uma profícua reflexão sobre a construção da cidadania e sobre a função da escola nesse processo.

É urgente uma democratização do acesso ao conhecimento e de sua apropriação feita, sobretudo, pelo pleno domínio da leitura e da escrita. Assim, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a declaração da UNESCO, já sinalizam há algumas décadas, e que concordamos totalmente:

A educação como direito humano e bem público permite às pessoas exercer os outros direitos humanos. Por essa razão, ninguém pode ficar excluído dela. O direito à educação se exerce na medida em que as pessoas, além de terem acesso à escola, possam desenvolver-se plenamente e continuar aprendendo. Isso significa que a educação terá de ser de qualidade para todos e por toda a vida. (UNESCO, 2007, p.12).

Entendemos ainda a necessidade de considerarmos os direcionamentos para o ensino de Linguagem dados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como “um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e das modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2008, p. 7), quando reforçam a necessidade que “Essas práticas [discursivas] visam à participação qualificada no mundo, por meio de argumentação, formulação e avaliação de propostas e tomada de decisões orientadas pela ética e o bem comum.” (idem, p. 477)

Diante do cenário mundial sombrio, no qual as recomendações de isolamento social foram inevitáveis, coincidindo com o período em que foi desenvolvida a maioria das atividades do nosso Projeto PIBID, surgem desafios a serem enfrentados por todas as instituições educacionais, tanto para os professores quanto para os alunos, extensivos a funcionários, coordenadores, diretores e todos os profissionais da educação. Nesse

contexto, o ensino remoto tornou-se uma promessa viável para atender com certa rapidez as novas demandas de escolarização e de formação acadêmica. A modalidade de ensino remoto foi um caminho necessário para que pudéssemos continuar o aprendizado dos alunos do Ensino Básico, portanto, houve a necessidade de replanejamento dos componentes curriculares do ensino presencial para o formato remoto. Foi premente elaborar atividades pedagógicas mediadas pelo uso da internet, como *podcasts* e vídeo aulas, postadas na plataforma disponibilizada pela Seeduc Rio, Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, o aplicativo denominado “Applique-se” e ainda o uso da ferramenta *Google Classroom*. Em relação a exigência do uso de textos digitais, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tentamos explorar esse ambiente, considerando a necessidade de desenvolvermos os letramentos e os multiletramentos previsto para Ensino Médio:

Nessa perspectiva, para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem. (idem, p. 478)

Ou seja, a BNCC reconhece a importância de promover os multiletramentos no ambiente escolar para que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver habilidades necessárias para reconhecer e analisar as semioses no processo comunicativo. No documento, há todo um discurso para o ensino de Linguagem que possa ser capaz de desenvolver o senso crítico em nossos alunos e fazê-los se apropriarem da Linguagem, utilizando a informação de maneira responsável: “desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (*fake news*), de pós-verdades e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias” (BRASIL, 2018, p. 479).

1. LETRAMENTO E MULTILETRAMENTO

O domínio da língua, oral e escrita, é necessário para uma participação social efetiva para todos os cidadãos, pois é por meio da língua que o homem se comunica, tem acesso à informação, expõe e defende seus argumentos e opiniões, compartilhando e construindo visões da realidade, e produzindo conhecimento. Desta forma, é função da escola ensiná-la para garantir aos alunos o acesso aos conhecimentos linguísticos, necessários para o pleno exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 15). Desta forma, desenvolver e refletir a leitura e a escrita para a promoção da cidadania se torna um tema de interesse para todos educadores, independentemente da disciplina que em que atua, no sentido de proporcionar uma profícua reflexão sobre a construção da cidadania e sobre o papel da escola nesse processo.

A compreensão da habilidade da leitura e da escrita nos torna pessoas críticas capazes de analisar nossas próprias vidas, e transformar nosso comportamento por meio das diferentes concepções de mundo presentes nos textos. Assim, a leitura e a escrita desempenham um papel transformador, nos levando a refletir sobre o passado, a compreender o presente e a sermos capazes de vislumbrar e construir um futuro melhor.

Ensinar os estudantes a ler e a escrever é tarefa de todos os professores e não somente está restrito aos professores de língua portuguesa. Só desta forma eles serão

capazes de se apropriar do conhecimento historicamente acumulado e, por meio dessa apropriação e interação com a língua, poderão produzir outros sentidos, emitir opiniões, discordar, concordar, enfim, dialogar por meio da língua e criar a capacidade de mudar:

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar o seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes... (SOLÉ, 1998, p. 72)

A partir de 1980 surgiram várias teorias que mostravam que o aprendizado da escrita e da leitura não se reduziria ao domínio da decodificação e codificação, mas sim da vivência de um processo ativo no qual desde cedo, a criança está imersa em qualquer comunidade. Esse conceito, segundo Magda Soares (1999), foi utilizado pela primeira vez em 1986 por Mary Kato, em sua obra, *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. O contato com materiais escritos a torna capaz de elaborar hipóteses de escrita e de leitura. No contexto do processo de construir e reconstruir hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita um sistema de representação surge, segundo Magda Soares (1999), o letramento.

Vale uma observação feita por Soares sobre o conceito de letramento. Segundo a pesquisadora (SOARES, 1999, p. 76), “Paulo Freire foi um dos primeiros educadores a realçar o poder 'revolucionário' do letramento”, entretanto o termo letramento só foi usado bem mais tarde. Esse grande educador ressalta “que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la” (Idem, p.76). Freire utiliza a palavra alfabetização para esse processo, entretanto, percebe-se que o sentido atribuído a ela é mais amplo, e não com o usado em sua época como apenas a aquisição da tecnologia da escrita. Segundo Soares (Idem, p. 18), “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Segundo a pesquisadora, o processo de alfabetização e o letramento:

Não são processos independentes [alfabetização e letramento], mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 1999, p.45)

Por isso é de grande importância destacar que alfabetização e letramento são conceitos capazes de coexistir, já que quando uma pessoa está aprendendo a escrever, é necessário desenvolver ambos os conceitos.

A sociedade nas últimas décadas tem passado por constantes mudanças sociais, culturais, econômicas e históricas decorrente do aparecimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e as culturas em rede, advindas, principalmente pelo uso da internet, em praticamente todas as atividades. Com as mudanças, novas formas de interação surgem e, conseqüentemente, novos gêneros textuais que se constituem em que imagens, palavras, movimentos, sons se integram e ampliam o nosso olhar da realidade. Nessa sociedade contemporânea, em que as práticas de leitura da imagem e da escrita se complementam e se incorporam, não apreendemos sentidos e efeitos de sentido da mesma forma que outrora. Faz-se necessário pensar em multiletramentos, um letramento que considera múltiplas linguagens (visual, verbal, sonora, espacial, gestual...). Para Rojo e

Moura (2019, p. 50), “O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos [...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.” As práticas de ensino devem incorporar a tecnologia não como acessório, mas como parte integrante do seu fazer:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 482)

Esse novo modo de ler e escrever o mundo precisa ser revisto, analisado e integrado às nossas aulas. Segundo Rojo e Moura (idem p. 24), essas novas linguagens “exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Segundo as pesquisadoras, há uma diferença entre letramentos e multiletramentos:

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, MOURA, 2012, p.13)

A tecnologia se torna um instrumento para acesso ao conhecimento, um espaço de propagação de ideias, mas, sobretudo, um poderoso meio de expressão e interação social. A relação de leitura, escrita e tecnologia deve fazer parte da construção pedagógica de uma prática que busque um aprendizado mais efetivo e significativo.

2. METODOLOGIA

Nossas atividades no Projeto PIBID se originaram de uma demanda dos próprios alunos do 3º. ano do ensino médio do no Colégio Estadual Melchíades Picanço que vislumbraram a necessidade de desenvolver a melhor competência de leitura e de escrita, tendo como objetivo uma aprendizagem efetiva nesse particular para terem sucesso nas redações do ENEM. Para melhor desenvolver a habilidade de escrita, a construção do trabalho com os alunos deve prever a análise de variados textos para que se possa atingir três competências: compreensão, a própria análise e os usos da oralidade e da escrita.

A primeira iniciativa foi a criação do perfil numa rede social é uma tentativa de tornar os alunos mais próximos dos bolsistas, chamando a atenção deles num meio em que eles se sentem confortáveis para expressarem suas opiniões e suas reflexões. Criou-se, então, o perfil@linguagente no Instagram O grupo busca explicar de forma clara e divertida conteúdos previstos no currículo mínimo.

A metodologia utilizada para a elaboração das vídeo aulas foi baseada na Sequência Didática (SD) idealizada pelos pesquisadores Dolz, Schneuwly, Pasquier e Norrevaz. Segundo os autores, SD é uma sistematização de atividades escolares organizadas em torno de um gênero textual com o objetivo orientar o aluno a dominar um gênero de texto e,

consequentemente, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Baseado nesse modelo, nosso projeto foi planejado para ser executado em vídeo aulas de 10 minutos com textos multimodais como clipes de músicas, contos, romances, charges, *gifs*, memes e *podcast*. As aulas foram compostas de três momentos: o primeiro, apresentação de um texto para discussão, o segundo, esclarecimento da estrutura e/ou elementos do gênero textual redação do ENEM e o último, proposta de elaboração de um parágrafo sobre o assunto relacionado ao conteúdo da aula. Todas as atividades são analisadas pelos bolsistas que as postam na plataforma com comentários e com o objetivo de análise e de reescrita pelos autores do texto. Por fim, os alunos irão elaborar um texto colaborativo, utilizando o Google Docs. O projeto seguiu o seguinte formato:

Produção inicial – Esta aula consiste inicialmente na sondagem dos conhecimentos prévios que os alunos têm acerca do gênero em questão. Portanto, foi proposta a produção inicial de uma redação de acordo com as competências exigidas no ENEM. A estrutura e os elementos constituintes desse gênero textual já haviam sido apresentados no semestre anterior. A partir da leitura de algumas imagens (fotografias) marcantes sobre a atual situação das mulheres no Afeganistão, depois da retomada do poder pelo Talibã, a temática a ser desenvolvida pelos alunos foi “O silenciamento feminino no Afeganistão”.

Etapa 2 – Usando a charge de Laerte sobre o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, discutiu-se o tema “Descaso do governo com os patrimônios culturais”. Adiante, foi apresentada e comentada a estrutura de um parágrafo de introdução.

Etapa 3 – A turma sistematicamente apresentava dificuldades no uso de conectivos para o desenvolvimento de argumentações. O objetivo desta aula foi fazê-los melhorar a compreensão sobre coesão e coerência, e assim desenvolver de maneira mais clara e objetiva suas ideias. O texto introdutório foi um vídeo no qual a poeta Naruna Costa interpreta o conto de Marcelino Freire, que aborda uma temática social impactante sobre violência e paz. A partir desse conto, analisou-se as questões de coerência e coesão, assim como o uso dos conectivos presentes no texto

Etapa 4 – As discussões da aula partiram de duas textos orais, música: “Um só” de Gabriel O Pensador, “É Tudo Pra Ontem” de Emicida e Gilberto Gil, que retratam as *fake news* no contexto da Covid-19 no Brasil. O conteúdo apresentado buscou identificar e utilizar fatos e argumentos para a fundamentação da elaboração de uma redação do ENEM sobre *fake news*.

Etapa 5 – Para o tema “A normalização da violência”, utilizaram-se o conto de Clarice Lispector, *gifs*, memes e um *podcast* sobre a vida de Maria Carolina de Jesus e sua obra *Quarto de despejo*. A apresentação do conteúdo foi uma proposta de intervenção para o tema discutido.

Produção final – Para a realização da versão final da produção textual, propõe-se dividir a turma em grupos de três que farão uma escrita colaborativa, tendo como ferramenta o *Google Docs*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades propostas no projeto baseiam-se em temáticas atuais por meio de observação e reflexão da leitura de variados gêneros textuais, tendo sempre em vista o gênero redação do ENEM. A prática de leitura de textos modais é um importante instrumento

para aperfeiçoar a língua, formando alunos linguística e discursivamente mais proficientes em seu contexto social.

Sabe-se que a leitura envolve processos mentais elaborados como levantamento de hipóteses, investigação de informações e produção de conhecimentos que podem ajudar a elaboração de produções textuais mais eficazes e bem elaboradas. Assim, pensamos aliar práticas de leitura com a produção textuais por meio de textos multimodais, como músicas, *podcast*, vídeo clips, charges, o tornaria o desenvolvimento dessas habilidades mais atraente aos alunos e estes, conseqüentemente, mais integrados a essas práticas. O letramento está relacionado com o grau de conhecimento que os alunos possam ter por um determinado tema. Assim, alunos que se informam e refletem sobre temas atuais são aptos a desenvolverem produções textuais mais interessantes.

Esse projeto permite uma avaliação formativa, mais profunda, tornando os alunos coautores no desenvolvimento de sua aprendizagem. Nesse processo, interessam-se por avaliar todas as etapas da construção do saber, que são sedimentadas ao longo de todo o processo da aprendizagem. É importante incentivá-los para a escrita, instigando-os e desafiando-os a abraçar fortemente o projeto, para que possam concebê-los a si mesmo como autores.

Nossas atividades tratam situações em que os alunos se sintam capazes de exercer sua própria voz, de forma autônoma, como indivíduos pertencentes a uma comunidade, respeitando suas singularidades com suas diferentes formas e uso linguísticos. Somente pela linguagem, nos constituímos seres humanos; nos comunicamos, temos acesso à informação, expressamos nossos desejos e defendemos nosso ponto de vista, produzimos cultura. Enfim, somente pela linguagem, é possível transformar nossa realidade. Nosso projeto é comprometido com a democratização social e cultural, e pretende contribuir para garantir que alunos tenham acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da plena cidadania, tornando leitores e escritores competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste projeto, observou-se que existem grandes desafios que perpassam o ensino público, principalmente diante da conjuntura social pandêmica. Os desafios tecnológicos são inúmeros como a disponibilidade de internet e de dados móveis para todos os alunos, bem como celulares compatíveis com as novas demandas que as atividades disponibilizadas pelo ensino remoto exigem. Essas barreiras tecnológicas favorecem a exclusão digital e como consequência a exclusão social. A interrupção das atividades presenciais nas escolas desdobra-se em grandes desafios para o ensino público, mediante as condições precárias de estrutura, de economia, de tecnologia e de saúde enfrentadas pelos alunos e profissionais de educação. Faz-se necessário neste cenário aprofundarmos pesquisas e ações que possam contribuir para a inclusão dos nossos alunos na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, Vol II, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental/Programa Fundescola, 1997.
- Educação de qualidade para todos: um assunto de direitos humanos. 2. ed. – Brasília: UNESCO, OREALC, 2008.
- ROJO, R.; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012
- ROJO, Roxane (Org.) *Escol@ Conectada: Os multiletramentos e as TICs*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos Mídias Linguagens**. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SANTOS V. L. C; SANTOS J. E. As Redes Sociais Digitais e sua Influência na Sociedade e Educação Contemporâneas. **HOLOS**, Ano 30, Vol. 6 309. 2014. Disponível em: http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936/pdf_144. Acesso em: 20 julho. 2022.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1999.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª. edição. Alegre: Artmed: Porto Alegre, 1998.